

D. Pedro II, Egíptofilia, Egíptomania e Egíptologia no Brasil*

Margaret Marchiori Bakos**

Introdução

Sigmund Freud é o exemplo mais perfeito de uma pessoa, que reúne as condições de representar os três tipos de interesse sobre o Egito, que tem fascinado o mundo ocidental há milênios. O gênio da psicanálise gostava de ter objetos do antigo em exposição no seu gabinete de trabalho, uma prática de quem aprecia o Egito antigo. Ele transformou alguns elementos daquela sociedade em ferramentas de trabalho para desenvolver a suas teorias sobre a mente humana. Finalmente, tal uso para esta produção qualifica o seu estudo sobre aquela cultura de tal forma que o eleva a condição de um especialista na mesma.

O Brasil também teve uma figura impar que reuniu tais qualidades, no século XIX. Nada menos que o Imperador D. Pedro II. Ele visitou o antigo Egito em duas ocasiões. Deixou-se fotografar inúmeras vezes junto às milenares construções e buscou naquela civilização conhecimentos para expressar sua condições de um monarca diferenciado e culto. Neste afã, ele estudou o antigo Egito em um nível de qualificação tão refinado, através de sua extraordinária habilidade para falar e aprender linguagens novas, que lhe rendeu a convivência e o respeito de egíptólogos, como Mariette, criador do ...

Nessa ótica, este artigo busca valorizar dois momentos importantes da convivência entre o Egito antigo e o Brasil, a partir de atitudes de preservação e de admiração do legado histórico daquela civilização, praticadas pela família real portuguesa. O primeiro deve-se à iniciativa de D. Pedro I, seguido pela ação de D. Pedro II. No decorrer do século XIX, os monarcas demonstraram interesse pelos antigos Egípcios e contribuíram para a efetiva presença de traços daquela cultura neste país, com repercussões até a atualidade.

D. Pedro I e a primeira coleção de peças egípcias no Brasil

O marco inicial do longo relacionamento entre o Egito antigo e o Brasil foi a compra de um acervo de relíquias do antigo Egito, em hasta pública, pelo Imperador D. Pedro I ao italiano Nicolau Fiengo, em 1824. Ao que parece,

Fiengo veio da Europa com planos de vender as raridades em Buenos Aires, mas não foi bem sucedido. Provavelmente devido ao contexto turbulento em que se encontrava o país vizinho (PERNIGOTTI, 1991: 54-67). Meio século depois, a coleção foi aumentada devido ao prestígio de um ilustre turista brasileiro em solo egípcio: D. Pedro II. O Imperador estudioso, conhecedor da História da Humanidade, e de várias línguas, entre elas o hebraico e o árabe, visitou duas vezes aquele país: em 1871-72 e em 1876-77. Na última viagem, foi presenteado pelo Quediva¹ Ismael, com um sarcófago da época Saíta.²

Tais fatos da realeza brasileira inserem-se no contexto internacional de nascimento da **egiptologia**³, ciência que trata de tudo quanto se relaciona ao antigo Egito. Ela surge com a decifração da escrita hieroglífica por Jean-François Champollion, em 1822, através da análise da Pedra de Rosetta, com sua inscrição bilingüe, em três caracteres, e a publicação de suas obras magistrais, entre elas: *Lettre à M. Dacier* relativa aos hieroglifos fonéticos.⁴

Aos poucos, os pioneiros da egiptologia solidificaram os princípios da atividade que foi responsável pela conservação de substancial parte do grande patrimônio deixado pelos antigos egípcios à humanidade. A luta deles foi, em muitos casos, dificultada pela ação dos aventureiros que foram para o Egito, principalmente a partir de finais do século XVIII e no decorrer do XIX, em busca de objetos antigos para vendê-los a colecionadores, desejosos de possuírem peças do antigo Egito. Felizmente, em alguns casos, como o

*Esta pesquisa conta com o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

**Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

²Título do antigo vice-rei do Egito, quando esse país era tributário da Turquia.

² Alguns outros objetos foram ou doações ou trocas de várias pessoas, no final do século passado e nos inícios deste. Desde então, a coleção não aumentou mais, infelizmente (CHILDE, 1919:2).

³ É fácil constatar o êxito da egiptologia e o sucesso daqueles que a seguiram como profissão ou a sustentaram, o que é atestado pelo entusiasmo mundial despertado pela descoberta da tumba de Tutankhamon, em novembro de 1922, por Howard Carter (1874-1939), financiado pelo milionário inglês – Lord Carnavon (1866-1923). As inúmeras publicações em periódicos e revistas, feitas nessa ocasião, no mundo todo, inclusive no Brasil, propiciam um substancial testemunho da paixão pela história, beleza plástica e significados das coisas antigas egípcias. Atualmente, há cursos específicos em Universidades de todos os continentes, dedicados ao estudo científico sobre o Egito Antigo.

⁴ Quando a pedra de Rosetta, um bloco irregular compacto de basalto negro, com 1,14 cm de comprimento, 0,72 cm de largura e 0,28 cm de espessura, foi encontrada, em 1799, no Egito, os seus descobridores logo intuíram sobre a sua importância. Ela exibia um texto escrito em dois idiomas: grego e egípcio, em três escritas: a hieroglífica, a demótica e a grega. A parte grafada com hieroglifos continha 14 linhas, correspondentes às últimas 28 do texto em grego. O demótico somava 32 linhas, sendo que as primeiras 14 tinham o início incompleto. A parte em grego continha 54 linhas, sendo as últimas 26 com o final incompleto. Como o grego era de domínio público, à época, a idéia de que através dele se encontrasse a chave para a decifração das inscrições e língua egípcias entusiasmou os sábios contemporâneos. Cópias da lousa, conseguidas através da aplicação de tinta de impressão sobre a superfície da pedra, sobre a qual se passava um cilindro de borracha, foram imediatamente enviadas para vários centros de pesquisa europeus.

brasileiro, o espólio saqueado obteve um destino nobre. As peças egípcias encontram-se preservadas em um Museu, à disposição da comunidade leiga e dos pesquisadores.

A idéia de pesquisar **egiptologia/egiptomania**⁵ no Brasil ocorreu há cinco anos, a partir de leituras sobre relatos de investigações bem sucedidas realizadas em países de colonização europeia, historicamente menos privilegiados que as metrópoles. Descobrimos, então, que a história da egiptologia, no Brasil, embora mais recente, não é menos importante, e merece ser estudada.

Neste país, como vimos, os primeiros protagonistas dessa aventura cultural foram nobres. Da atuação de D. Pedro I, resta-nos um magnífico acervo de peças egípcias. Elas encontram-se no Museu Nacional do Rio de Janeiro, situado no local conhecido como o Paço de São Cristóvão.⁶ A atitude do monarca nesse investimento em cultura se afigura, atualmente, como significativa da nova condição do País que governava:

La antigua colonia americana, em definitiva, después de la llegada de la corte, y pese a los problemas e dificultades que ésto trajo consigo, pasó a vivir una experiencia nueva: tenía la vida de un Estado sede de Gobierno. El progreso material, el incremento de la vida intelectual, el creciente número de extranjeros que llegaban, científicos germánicos, comerciantes británicos, artistas y negociantes franceses, inmigrantes helvéticos y la oficialidad de los muchos navíos que tomaban puerto en Brasil hicieron que apareciesen nuevas necesidades, tanto materiales como culturales, de tal manera que, cuando la Corte lusitana volvió a Portugal, estaba muy claro que las exigencias brasileñas ya no podían satisfacerse con facilidad. Así, como hemos visto, el Rey no dudó em dejar em terra americanas al Príncipe Real D. Pedro, en

⁵ Em 1995, elaboramos um Projeto Nacional de pesquisa, registrado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, que não chegou a ser implementado em sua totalidade por falta de suporte financeiro. Entretanto, tivemos o incentivo para continuar desenvolvendo uma parte desse projeto através de duas bolsas de iniciação científica, concedidas pelo programa do PIBICNPq, junto à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em 1995 e 1998. Nele explicamos que a egiptomania refere-se a uma prática mais antiga que a da egiptologia, mas esse termo aparece na Europa apenas no decorrer da primeira guerra mundial. Há práticas que podem ser conceituadas como de egiptomania no Brasil, de longa data e na atualidade. Ela se refere a uma vasta reutilização de motivos do antigo Egito para a criação de objetos e de narrativas contemporâneos, em uma época desejosa de objetos autênticos. In. BAKOS, M. Egiptomania no Brasil (séculos XIX e XX). Projeto de Pesquisa. Mimeo.

⁶ O prédio construído por um rico negociante português, no fim do século XVIII, foi por ele presenteado ao rei D. João VI, em março de 1808. Desse ano a 1821, o Paço foi residência da família real e de 1822 a 1889 abrigou a família imperial. Quando da proclamação da República no País, em 1889, foi sede da Assembléa Constituinte, encerrada em 1891. Desde 25 de junho de 1892, é a sede do Museu Nacional.

calidad de Regente del reino, lo que hacía que los brasileños no se sintiensen rebajados a sua antigua condición de colonia.(BRANCATO, 1999: 155)

A Coleção Egípcia⁷, que ocupa atualmente apenas três salas, no segundo piso do prédio, não está exposta na sua íntegra. Sabe-se que dela constam, basicamente, 55 estelas e baixos relevos, 15 sarcófagos e fragmentos, 81 estatuetas votivas e funerárias, 216 *ushabtis*, 29 múmias e partes, 54 amuletos, símbolos e escaravelhos, 5 papiros, 69 miscelâneas e 100 objetos e bens funerários.

O autor do primeiro catálogo sobre esse acervo foi Alberto Childe, nascido em S. Petersburgo, na Rússia, falecido em 1870, em Petrópolis, no Brasil. Ele foi um dos homens mais inteligentes, mais finos e mais cultos, que Manuel Bandeira – consagrado poeta brasileiro – disse ter conhecido. Segundo Bandeira, Childe era *dotado de talento para tudo – literatura, pintura, ciências. Jamais se fixou em qualquer coisa senão na egiptologia.* (BARBOSA, F. In.: KITCHENS, 1990 :xx). Foi ele quem, no decorrer de vinte anos como conservador do Museu Nacional, restaurou as suas múmias e resgatou as origens históricas da coleção egípcia.

Em visita ao Brasil, em 1985, Kenneth Kitchens, famoso egiptólogo inglês, teve a oportunidade de conhecer e estudar a coleção e de escrever sobre ela. Ele prefacia o magnífico catálogo⁸ bilíngüe (português/inglês), organizado sobre as peças, com as seguintes palavras: *O acervo egípcio do Museu Nacional, no Rio de Janeiro, é, provavelmente, o mais antigo e o mais importante da América do Sul.*

Em outro momento, D. Pedro II fortaleceu o vínculo entre o Egito antigo e o Brasil, iniciado pelo filho, ao tornar-se, em 1871, notável estudioso da cultura egípcia e precursor do turismo brasileiro naquele país. A primeira jornada dos Imperadores, Pedro II e Teresa Cristina, à Europa e Egito foi no período compreendido entre 25 de maio de 1871 e 30 de março de 1872.⁹ Depois de visitar Portugal, Espanha, Bélgica, Alemanha, Áustria e Itália,

⁷ Há atualmente coleções de peças egípcias particulares, no País. E desde 1989, a Universidade de São Paulo exhibe uma bela coleção egípcia no Museu de Arte de São Paulo (ver. BRANCAGLION, A.1993).

⁸ KITCHENS, K. e BELTRÃO, M. C. *Catálogo da Coleção do Egito Antigo existente no Museu Nacional.* Rio de Janeiro, Londres: Aris & Phillips Ltd., 1988, 2 v.

⁹ Foi sempre um grande desejo de Dom Pedro II conhecer a Europa e a oportunidade apenas se deu, aos 45 anos, por um fato triste: o falecimento, em Viena, de sua filha Leopoldina. MARQUES DOS SANTOS, F. Aspectos da primeira viagem dos imperadores do Brasil à Europa e Egito. (1871-1872). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.* V. 1888, julho-setembro, 1945. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946, p. 55

partiram do porto de Brindisi rumo ao Egito, *com tempo sereno e mar calmo*. Entretanto, segundo o cronista da viagem, logo se iniciou um dos formidáveis temporais que costumam ocorrer no mar Mediterrâneo: *tão forte foi o vento, tão violentas as vagas que repetidas vezes alagaram o vapor, chegando mesmo ao pavimento em que se achavam as câmaras do Imperador e de sua comitiva*. Quatro dias depois, eles desembarcaram em Alexandria (Marques dos Santos 1945: 77).

No Egito, D. Pedro II visitou Suez, em primeiro lugar, onde manifestou desejo de conhecer todos os lugares bíblicos, *como a rocha, da qual brotou água, ao toque da vara do condutor do povo de Deus* (MARQUES DOS SANTOS, F., 1945:79). O Cairo foi o rumo escolhido a seguir, face aos planos do Imperador de conhecer as pirâmides. Na companhia do Barão do Bom Retiro, do Cônsul da Áustria e de *quatro robustos árabes*, D. Pedro II escalou a pirâmide de Queops, a maior de todas, em 25 minutos. Após oito dias de estada na capital do Egito, a comitiva real regressou para a Itália. Nesse país, eles visitaram diversas cidades a começar por Nápoles, Roma, Florença, Gênova, Torino, Genebra e Basileia. Não se conhece nenhum diário de D. Pedro II sobre essa viagem.

Em contrapartida, em 1876, devido ao seu fascínio pelo Egito, o monarca eternizou a segunda jornada, em um diário¹⁰, apresentado à posteridade, por Affonso d'Escragnolle Taunay, com as seguintes palavras:

Raros são os que conhecem a existência deste Diário da viagem do Imperador D. Pedro II ao Alto Nilo que, em cumprimento de paterno voto, tenho a honra de oferecer à Revista de uma das mais, se não a mais ilustre corporação científica do Brasil, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

O Imperador deixou notas com impressões pessoais e observações concernentes quase exclusivamente a questões de egiptologia. *Vê-se claramente que ele tomava essas notas para discutir o assunto com os membros do Instituto¹¹, quer no primeiro encontro, quer por meio de correspondência, pondera Debanné. Ele julga que D. Pedro:*

¹⁰ Em 1890, por ocasião da dispersão dos móveis de D. Pedro, alguém, que havia comprado uma pequena mesa que lhe pertencera, encontrou no fundo de uma gaveta um manuscrito incompleto com as páginas meio rasgadas, escrito pelo Imperador: eram suas notas e impressões de viagem ao Egito e diversos desenhos feitos por ele mesmo durante sua viagem ao Nilo. O manuscrito estava redigido em francês, e parece que o Imperador queria dá-lo a conhecer aos seus amigos do Instituto Egípcio, ou servir-se como borrão ou minuta para as correspondências que dirigia a Mariette, a Brughsh e provavelmente também a outras pessoas. (DEBANNÉ, N, 1912: 133-34).

¹¹ D. Pedro II era membro honorário do Instituto Egípcio (Collucci-Bey, 1872:107).

... experimentava um prazer intelectual nas suas pesquisas egiptológicas (...) como filósofo, como pensador, segundo sua própria expressão; mas não se limitava somente a isto; ele havia notado a extraordinária semelhança de clima entre o Brasil e o Egito (DEBANNÉ, N., 1912:154).

É possível pensar, através da leitura do Diário, que D. Pedro II iniciara o estudo da egiptologia muito antes da sua primeira viagem fora do Brasil, quer pela leitura de tratados, quer pela correspondência assídua, e afetuosa, segundo Taunay, com egiptólogos de competência indiscutível, como Mariette¹², Brugsch e Rougé. O fato de escrever o diário em francês significou, para o tradutor, que o Imperador pretendia enviá-lo aos seus amigos egiptólogos (TAUNAY, 1909: 219).

O diário inicia no dia 11 de dezembro de 1876, com a descrição da partida do porto de Giza, a passagem pela pirâmide de Meydum¹³, que D. Pedro refere, com propriedade, ser conhecida como *falsa*. Ao longo do trajeto, D. Pedro II preocupa-se em visitar locais com monumentos da história antiga do Egito, mas também coisas da modernidade, como um dos engenhos do Quediva, que produzia anualmente substantiva parcela do açúcar e do álcool necessários para a economia do país. O Imperador lamenta que sua magnífica viagem tenha sido um privilégio de poucos. E registra, no diário, que essa constatação o amargura e o deixa incapaz de fazer coro ao pensamento de faraós antigos: *Conserva-te alegre, durante toda a existência. Acaso houve quem saísse do túmulo?*

No decorrer da viagem, o Imperador intercala jornadas em *burricos* para visitar as *grutas*, como ele denomina, segundo o tradutor do diário, as tumbas faraônicas nos sopés das montanhas arenosas, com leituras, à noite, em sua cabina, da gramática hieroglífica de Brugsch. Nessas horas, ele estuda as anotações feitas durante o dia e confessa-se impressionado com o progresso na interpretação dos hieróglifos. Ele compara os avanços dos amigos egiptólogos nesse campo de estudo: classifica Brugsch como mais sábio que Mariette, a quem julga mais empreendedor, face às inúmeras descobertas arqueológicas empreendidas.

¹² Pode-se verificar por esses breves *curriculum vitae* que D. Pedro II tinha contato com personalidades expoentes no meio egiptológico internacional: François Auguste Ferdinand Mariette (1821-1881) foi um dos mais importantes egiptólogos do mundo, o fundador do Serviço de Antigüidades Egípcias; Émile Charles Adalbert Brugsh (1842-1930), egiptólogo alemão, foi assistente de Mariette e um dos organizadores do Museu de Bulaq e do Cairo; Emmanuel Charles Oliver Camille de Rougé (1811-1872), egiptólogo francês, foi o primeiro a mostrar a riqueza da literatura Egípcia preservada nos papiros hieráticos (DAWDSON, 1995, 278-79; p.66; p.365-66).

¹³ Iniciada por Huni (2599 – 2575 a. C.) e completada por Senefru (2575-2551 a. C.).

Crítico sagaz, maravilhado com a decoração das paredes, no templo do Faraó Seth I, pai de Ramsés II, o Imperador intercala observações elogiosas com censuras ao que denomina de rígido *canon* da arte egípcia. Na opinião de D. Pedro II, tais regras teriam tolhido a criatividade dos artistas e impedido a geração de *verdadeiras preciosidades artísticas no Egito* (TAUNAY, 1909: 235).

No dia 17 de dezembro, o Imperador e sua comitiva desembarcam em Dendera.¹⁴ Para não perder tempo, D. Pedro, segundo suas próprias palavras, dispensou os lerdos burricos e foi a pé visitar o Templo da Deusa Hathor.¹⁵ Ele tece aguçados comentários sobre essa visita, desde o modo de vida dos *fellahs*, os camponeses egípcios, até detalhes sobre a hierarquia dos deuses na mitologia antiga. Ele destaca o grande papel de Hathor na cosmogonia. E explica que a divindade da harmonia, da beleza e do amor para os egípcios é representada pelos gregos como Afrodite, e como Vênus, pelos romanos.

A longa análise do santuário de Hathor revela os profundos conhecimentos do monarca brasileiro sobre a cultura egípcia, como segue:

Percorri um dos corredores, espantando uma nuvem de morcegos. Em outra passagem do lado do Norte, descobriram-se inscrições comprovatórias da existência, naquele local, de um santuário ereto por Tutmósis III, da 18 dinastia (1700 A. C.) e igual ao outro do tempo de Queóps, (4 dinastia, 4000 A. C.), cuja descrição foi achada na época de Pepi (6^a dinastia, 3700 A. C.).

Nos baixos relevos dessas câmaras, acham-se muitas indicações acerca das cerimônias do templo.

O quarto do fundo era o santuário de Hathor¹⁶. A procissão principal saía por ocasião do ano novo que começava a 21 de julho, dia em que Sothis (Sirio) nascia com o sol, coincidindo com a cheia do Nilo.

(...) Um calendário regulamenta as festas processionais em que tomam parte sacerdotes de todo o Egito e insere receitas para óleos e perfumes,

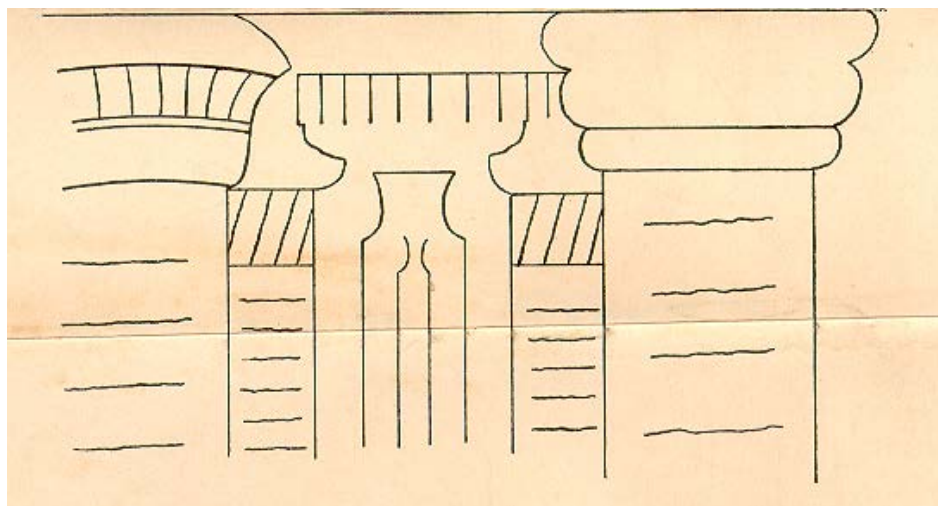
¹⁴ Capital do VI nomo do Alto Egito, localizada ao sul de Abidos, Dendera era um local de culto para a deusa Hathor. Os crocodilos também eram adorados ali. Uma capela do reino de Queops da IV dinastia (2551-2528 a. C) e um santuário da 11 dinastia (2134-2040 a. C) foram descobertos na área ocidental da cidade perto de um antigo lago sagrado. A necrópolis de Dendera inclui tumbas dos mais antigos períodos dinásticos bem como inúmeras mastabas dos nomarcas locais. O sítio ainda possui um magnífico templo dedicado a deusa Hathor, erguido depois da queda do Novo Reino e aumentado pelos reis Ptolomaicos e os imperadores Romanos. Um Templo em honra do nascimento de Isis foi decorado pelo Imperador Augusto.

¹⁵ Hathor era uma das mais antigas divindades do antigo Egito, cultuada ao longo de toda a sua história. Ela era considerada a deusa celeste e associada com outros cultos como filha do deus sol e esposa de Horus. Era representada com rosto de mulher, com cornos e orelhas de vaca. O sistrum era o seu instrumento favorito. Era adorada ainda como deusa do amor.

¹⁶ Nos tempos antigos a deusa céu era adorada como a mãe do deus-sol até que Isis ocupou esse lugar. A concepção do céu como uma vaca, que havia no Delta, deu à Hathor uma forma bovina (LURKER, 1988:58).

existindo também calendários resumidos para as festas de Osíris em outras cidades (TAUNAY, 1909: 240-1).

Impressionado com o mau estado dos monumentos históricos, que mostram vestígios de *incrível vandalismo*, o Imperador lamenta que o Quediva seja pródigo com os seus palácios, mas desleixado na conservação dessas construções, *tão interessantes para o estudo do Alto Egito*. O Imperador expressa sua profunda admiração pelos monumentos em Karnak¹⁷, considerado por Mariette *o mais admirável ajuntamento de ruínas do mundo*. Na segunda visita ao local, *ouvindo o canto dos pássaros*, ele diz: *Tudo observei em Karnak com a máxima atenção (...) Almocei na sala hipostila e durante a refeição desenhei novo esboço. Não compreendo nem pude saber o que vem a ser a grade de pedra que se vê nesse esboço:*



Desenho e legenda de D. Pedro II: Karnak, salle hypostile, 19 Décembre 1876 (TAUNAY, 1909: 277).

Em um momento da visita, em euforia, o Imperador faz uma emocionada referência a seus afetos: *Do alto dessa coluna adorei a Deus, criador de tudo quanto é belo, voltando-me para as minhas duas pátrias, o*

¹⁷ Karnak é o mais extraordinário dos complexos religiosos jamais construídos até a atualidade. O conjunto apresenta capelas, santuários, obeliscos, colunas e estátuas construídos ao longo de dois mil anos de história, o que o torna o maior dos monumentos históricos de pedra ainda existentes no Egito antigo. O planejamento do templo para Amon, evidente apesar do estado em ruínas, apresenta estruturas bem coordenadas e uma série de inovações arquitetônicas. Karnak, como a maioria dos templos do Egito, possuía uma rampa e um canal ligado ao Nilo, e o seu santuário também possuía uma fileira de esfinges com cabeça de carneiro, representações de Amon, na entrada do templo.

Brasil e a França, esta, pátria de minha inteligência, e aquela pátria de meu coração (TAUNAY, 1910: 248).

Ao chegar a Luxor, uma das capitais do antigo Egito, o Imperador encontra um local movimentado por ser dia de feira. Ele informa que havia camelos e jumentos em profusão e a praça da aldeia estava *juncada de verdes canas de açúcar*.

A visita ao templo de Deir el Bahari, construído por Hatshepsut¹⁸, sensibiliza o monarca em diferentes maneiras. Impressiona-lhe a aridez do local, a legibilidade dos nomes reais nos cartuchos, a perfeição nas representações dos peixes do mar Vermelho, a imagem da *efígie real*, sugando o leite divino de Hathor, representada por uma *figura de vaca de notável realismo* e, finalmente os *restos de múmias, cujo cheiro rivalizava com o dos vestígios dos morcegos* (TAUNAY, 1910: 258).

A narrativa do Imperador sobre a jornada no Nilo é longa e muito interessante porque ele informa, desde minuciosos aspectos de cunho histórico/arqueológico da viagem, manobras cotidianas necessárias para atracar o vapor: as passagens pelos canais colaterais para evitar as ilhas do Nilo, as proezas dos desembarques para as visitas aos monumentos, até memórias pessoais. Lembra, por exemplo, o busto de Belzoni, o descobridor do templo de Seth I, que viu no Paço Municipal de Bolonha, quando conhece, pessoalmente, o templo no Egito. O monarca também cita o telegrama que enviou a Mariette para saber sobre a exata localização de uma recente descoberta do egiptólogo, da qual tivera conhecimento e que desejava ver *in loco*. D. Pedro expõe, no diário, até mesmo pensamentos românticos, como essa passagem: *O luar, hoje, não está tão belo como ontem. Passei, no entanto, algumas horas deliciosas, deixando a imaginação divagar*. (TAUNAY, 1910: 274).

O manuscrito se interrompe logo após essa reflexão do Imperador. Taunay, desconsolado, busca com a Princesa Isabel saber do destino tomado pelo restante do documento, mas sem sucesso.¹⁹ Estava, no entanto, registrado o que Nicolas Debanné, adido à Agência Diplomática do Brasil no Egito,

¹⁸ Hatshepsut foi a quinta governante da XVIII dinastia (1473 – 1458 a. C). Era filha de Tutmés I e da rainha Ahmosi. Quando da morte de seu pai ela casou com o seu meio irmão: Tutmés II, com quem teve apenas uma filha. Antes de morrer, Tutmés indicou seu filho, com uma concubina, para herdeiro do trono. Hatshepsut ficou como regente de Tutmés III, que era apenas uma criança. Eles reinaram aparentemente juntos até 1473, quando Hatshepsut assumiu a condição de Faraó, todos os títulos reais, uma postura e vestes masculinas. Ela construiu o Templo de Deir El-Bahri e mandou escrever em suas paredes um relato mítico sobre o seu nascimento, que a tornava filha do próprio deus Amon e, portanto, com direito de reinar no Egito.

¹⁹ *Não pode a Princesa D. Izabel ministrar os esclarecimentos pedidos; absorto com os graves cuidados do Governo, nunca mais cogitara D. Pedro II em coordenar as notas recolhidas no Alto Egito* (TAUNAY, 1910: 222).

julgou um caso de amor de D. Pedro II pelo Egito antigo. Debanné fortalece essa opinião com o relato das posturas do Imperador: modesta sobre os inúmeros títulos recebidos de sociedades científicas e orgulhosa sobre o fato de ser membro honorário do Instituto Egípcio (DEBANNÉ, N., 1912:131).

O agrado de D. Pedro II com ligações a um meio intelectual internacional, de um lado, relaciona-se com a atmosfera palaciana brasileira, que tentava *ajustar-se a regras de civilidade, a arte de escrever*, onde ele era a figura principal de *um jovem Império inundado por essa literatura de savoir-vivre, regras de etiqueta, elementos de moral e guias de bom-tom.*(SCHWARCZ, 1998:203) De outro lado, é importante lembrar, através das palavras de Debanné, sobre a preocupação de D. Pedro II com o *vandalismo dos viajantes* e com a necessidade de medidas para preservação dos tesouros artísticos e científicos do Egito dos Faraós, e fatos da modernidade, como um dos engenhos do açúcar, o modo de vida dos *fellahs*, que revelam o olhar antropológico do *Príncipe Filósofo*.²⁰

Entretanto, as viagens do Imperador ao exterior, o seu amor e dedicação aos estudos e às ciências²¹ geravam artigos críticos e inspiravam caricaturas, publicadas em folhetos e jornais satíricos, os quais ridicularizavam a sua postura de *monarca itinerante*. (SCHWARCZ,1998:416)

²⁰ Mas d. Pedro também foi o ‘imperador homem de ciências’, como o denominava o seu amigo Pasteur; o ‘príncipe filósofo’, o apelidava Lamartine; o neto de Marco Aurelio, como o chamava Victor Hugo. Membro de diversas sociedades científicas, do Instituto de França e do Instituto Egípcio...”DEBANNÉ, N.1913:131

²¹ Fontoura Xavier, quando estudante, publica em 1877 *O Régio Saltimbanco* (...) ataca rudemente o Imperador D. Pedro II, como era de hábito entre os moços republicanos de São Paulo e Rio, onde o poeta gaúcho formara seu espírito de luta contra as instituições vigentes. O poema é todo ousadia e destemor. Sob o disfarce de régio saltimbanco apresenta a figura veneranda de nosso último Imperador, *ridicularizando-lhe o amor do estudo e da ciência, apresentando-o como um arlequim real, num tom que não corresponde, nem de longe, à verdade histórica.* CESAR, G.1956:383.

Pelo objetivo deste capítulo de valorizar a permanência das referências ao antigo Egito, no Brasil, ao longo dos séculos XIX a XXI, impõe-se referir uma caricatura muito especial, deste ponto de vista, sobre a primeira viagem do monarca ao Egito, em 1871, divulgada na Revista Ilustrada neste mesmo ano. A imagem está muito bem construída e a escolha e utilização dos elementos egípcios do conjunto artístico foram feitas com maestria. Julgamos que, neste sentido, essa representação pode ser analisada como um exemplo de prática de egiptomania, ou seja, a reutilização de motivos do antigo Egito na criação de narrativas e imagens contemporâneas, com novos objetivos, no caso, uma crítica política. Vê-se que D. Pedro é representado como sendo a cabeça de uma esfinge, fabulosa criatura com face humana e corpo de leão. O Monarca porta um singular adorno de cabeça, denominado *nemes*, de tecido listrado, usado apenas pelos reis do Egito. O adorno é normalmente encimado por um sagrado Uraeus, imagem em forma de cobra. Sabe-se que a irada serpente, com a cabeça levantada, personificava, para os antigos egípcios, o olho calcinante do deus sol – Rá – E simbolizava a abrasadora natureza da coroa, quando vista na testa do Faraó, que concentrava a dupla competência de gerar vida, pelo calor, ou de causar morte, pela estiagem. Na caricatura que apontamos, o artista substituiu o símbolo da realeza egípcia pelo emblema da coroa portuguesa. E, além da troca, ele escreveu no toucado as três questões que, no Brasil, precisavam ser resolvidas: a política, a econômica e a religiosa. Ao pé da esfinge o caricaturista desenhou pessoas em atitude de agito, com os braços levantados que fitam o governante, como a exigir uma atitude dele,



O imperador em sua viagem ao Egito.
Revista Ilustrada, 1871. IEB

As viagens de D. Pedro II atraíam-lhe críticas no exterior também. Em 28 de abril o *L'Illustration* anunciava que Paris havia recebido, com satisfação, um hóspede muito notável e muito modesto. O artigo descreve D. Pedro como uma pessoa melancólica, afável, que dispensa as regras de etiqueta, que se hospeda em albergues e que aprecia muito visitar museus. O tom afável inicial do texto transforma-se em irônico, ao final. Ele encerra com um comentário assaz jocoso sobre a possibilidade de o Imperador ter encontrado o segredo de governar por correspondência: de tempos em tempos, ele enviava ao Rio de Janeiro, capital do seu Império, um telegrama mais ou menos assim: *Brasileiros, meus amigos, continuem a obedecer as leis e a aproveitar a liberdade. Estou a caminho para me juntar a vós.*²²

O articulista de *L'Illustration* termina o artigo com um dito chistoso de Littré, que coloca D. Pedro II no meio, dentro da história, de dois exemplos extremos de governantes. De um lado, Marco Aurélio, o sábio Imperador Romano e, de outro, Yvetot, o famoso rei merovíngio bonachão do cancionero político francês²³.

Em síntese, é mister concluir sobre a significativa dimensão histórica das participações dos Imperadores no processo da convivência entre o antigo Egito e o Brasil. Elas foram conservadas pela presença da esplendida coleção Egípcia no Museu Nacional, no Rio de Janeiro, pelo diário de D. Pedro II, publicado pela *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* e pela simbólica reutilização de um obelisco. Esse monumento, de origem egípcia, serviu para uma homenagem a D. Pedro II,²⁴ prestada, em 1925, no Bosque do Imperador, em Petrópolis, cidade que o monarca amava. Esse gesto também é significativo, na medida em que a reutilização de um elemento da arquitetura egípcia, na atualidade, caracteriza, no Brasil, uma prática de valorização daquela sociedade, a egiptomania, recorrente no mundo ocidental, ao longo dos séculos.

²² De temps en temps, à Rio de Janeiro, sa capitale, il arrive un télégramme á peu près ainsi conçu: Brésiliens, mës amis, continuez á obéir aux lois et á jouir de la liberté. Je suis en chemin pour revenir parmi vous. *L'Illustration*, 28 de abril de 1877.

²³ *On rapporte, à propos de ce prince, un joli mot de M.E. Littré: Cet empereur, a dit le philosophe, tiendra le milieu, dans l'histoire, entre Marc-Aurèle et le roi d'Yvetot.* *L'Illustration*, 28 avril 1877.

²⁴ A informação sobre o obelisco foi obtida por Carolina Machado Guedes, acadêmica de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro e membro do Laboratório de Pesquisas Históricas (LHIA) naquela universidade, para o projeto citado sobre Egiptomania.

Referências bibliográficas

- BAKOS, M. *Fatos e Mitos do Antigo Egito*. Porto Alegre: EDIPUC, 1996.
- BAKOS, M. Three Moments of Egyptology in Brazil. *Proceedings of Seventh International Congress of Egyptologist*. Cambridge, 3-9 September. Leuven Uitgeverij Peeters, 1998, p. 87-91.
- BEDIAGA, B (org.). *Diário do Imperador D. Pedro II*. Rio de Janeiro: Museu Imperial, 1999.
- BRANCATO, B.A *Don Pedro I de Brasil, Posible Rey de Españã*. Porto Alegre, EDIPUC, 1999.
- BRANCAGLION, A. Arqueologia e religião funerária: a propósito do acervo egípcio do MAE. Dissertação de Mestrado na Universidade de São Paulo, 1993.
- CARDOSO, C. F. e VAINFAS, R. *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CESAR, Guilhermino *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Ed. Globo,1955.
- COLLUCI-BEY, S. D. Bulletin L'Institut Égyptien. Alexandrie, 1872.
- DAWSON, W., et UPHILL, E. *Who was who in Egyptology*. London: The Egypt Exploration Society, 1995.
- DEBANNÉ, N. D. Pedro II no Egito. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, 75 (2): 131-157, 1912.
- KITCHENS, K. e BELTRÃO, M. C. *Catálogo da Coleção do Egito Antigo existente no Museu Nacional*, Rio de Janeiro, Londres: Aris & Phillips Ltd., 1988, 2 v.
- LURKER, M. *The gods and symbols of ancient Egypt*. London: Thames and Hudson, 1974.
- MARQUES DOS SANTOS, F. Aspectos da primeira viagem dos imperadores do Brasil à Europa e Egito (1871-1872). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, 188 (2): 55-91, 1945.
- MELLO, C. P. *Viagem ao Alto Nilo: o Egito de D. Pedro II*. Rio de Janeiro, 1996.
- SABALLA, V. Egiptologia no Rio Grande do Sul. In. BAKOS, M., POZZER, K. (orgs.) *III Jornada de Estudos do Oriente Antigo*. Porto Alegre: EDIPUC, 1998.
- SCHWARCZ, L. *As barbas do Imperador*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998.
- TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. Diário da viagem ao alto Nilo. Feita pelo Imperador D. Pedro II em 1876. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, 75 (1): 217-277, 1910.

Jornal

L'illustration, Paris, janvier à juin, 1877, n. 1767-1792, pp.267 e 299